

Comece de novo!

O Manifesto da Reforma

PREÂMBULO

Como cristãos católicos, reconhecemos a necessidade de uma reforma fundamental na Igreja. No entanto, nunca houve uma renovação real e profunda, capaz de mudar a vida, sem um caminho de conversão e de redescoberta do Evangelho. É por isso que o Caminho Sinodal falha dramaticamente no seu propósito de reforma. Em sua fixação sobre a estrutura externa, ele perde o cerne da crise, viola a paz nas comunidades, abandona o caminho da unidade com a Igreja universal, prejudica a Igreja na substância da sua fé e equivale a um cisma.

- **Nós professamos a Palavra viva de Deus**, na qual há luz e verdade. Palavra de Deus testemunhada nas Sagradas Escrituras, transmitida de forma viva através da Igreja e tornada visível através da fé vivida. A Palavra de Deus é um dos tesouros a ser preservado por todos os que receberam o mandato de ensinar a fé. Nossa consciência nos obriga a **nunca apoiar exigências ou seguir iniciativas que dissolvam ou relativizam o compromisso com a Palavra de Deus. Em vez disso, queremos buscar a vontade de Deus para sua igreja hoje em sua palavra viva, bem como no Sagrado Magistério e na Sagrada Tradição.**

Nove Teses

1. A legitimação

As reivindicações na Igreja só são legítimas quando são fundamentadas no Evangelho, enraizadas na fé de todos e apoiadas universalmente pela Igreja Católica."

O Caminho Sinodal não é propriamente um "Sínodo", no sentido de "caminhar juntos" e não tem nenhuma força canônica eclesial. Por isso mesmo, rejeitamos sua reivindicação de falar por todos os católicos na Alemanha e tomar decisões coercivas por eles. Os leigos envolvidos no Caminho Sinodal são representantes de associações, órgãos e federações e estes consultaram arbitrariamente a terceiros. As exigências deste organismo, que não é

legitimado nem pela missão nem pela representação, atestam que eles têm uma desconfiança fundamental da Igreja, que por sua vez é constituída sacramentalmente e pela autoridade apostólica. Eles funcionam como um organismo externo, fundamentalmente “laico”, e defendem a redistribuição do poder eclesiástico, promovendo desta forma uma secularização dentro da Igreja.

Esquecem que o “empoderamento” dos cristãos batizados reside justamente no discipulado missionário (EG, n. 119 ss.). Assim diz também o Concílio: “Incumbe, portanto, a todos os leigos a magnífica tarefa de trabalhar para que o desígnio de salvação atinja cada vez mais os homens de todos os tempos e lugares. Esteja-lhes, pois, amplamente aberto o caminho, a fim de que, segundo as próprias forças e as necessidades dos tempos, também eles participem com ardor na ação salvadora da Igreja”. Mas, este natural protagonismo cristão (um sujeito ativo na fé e na evangelização), nem sequer aparece à vista das reflexões do caminho sinodal alemão, quando na verdade deveria ser o cerne de qualquer reforma que mereça seu nome. Somente uma igreja que faz do protagonismo cristão o seu objetivo central é capaz de responder de forma sustentável às experiências de abusos e encobrimentos em todas as suas formas. “A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados. Esta convicção transforma-se num apelo dirigido a cada cristão para que ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização” (EG, n. 119). Somos gratos ao Papa Francisco por ter convocado um Sínodo Mundial para o mês de outubro de 2022, no qual pode haver decisões universalmente necessárias e em que exatamente este será o tema: “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão.”

2. O conceito de reforma

A Igreja precisa de uma reforma da cabeça aos membros, (das autoridades eclesiásticas aos fiéis leigos), mas toda verdadeira reforma na Igreja começa " com a conversão e a renovação espiritual. A Igreja nunca se manteve como sal e luz respondendo às reivindicações e adaptando-se às estruturas do mundo.

O Caminho Sinodal apresenta preocupações genuínas com a Igreja, mas é estruturalmente conservador na sua estratégia e manifestamente não está interessado em processos de conversão, penitência e renovação espiritual. No que diz respeito à essência fundamental da igreja, existe uma preocupação

ardente de preservar o *status quo*: quer-se salvar o modelo da "igreja do cuidado" altamente institucionalizada através de sua adaptação e modernização. Uma Igreja de vida espiritual realmente compartilhada, na qual as pessoas se tornam uma comunidade de aprendizado de fé (e, portanto, discípulos), não está à vista no Caminho Sinodal desde o início. Esqueceu-se que o poder transformador do despertar da Igreja, só surge, quando uma vida nova e boa é experimentada tanto humana quanto espiritualmente, podendo assim, ser (comunicada) compartilhada. Essa renovação leva em si mesma a um dinamismo missionário e ao poder evangelizado. O Caminho Sinodal, apenas mexe com as funções de uma igreja estaticamente concebida. Assim, a discussão ética é sempre sobre a mudança do "ontem proibido" para o "agora um pouco permitido", para que o que resta da igreja ainda, se encaixe na corrente cultural. Diante disso, uma pergunta surge: como as pessoas podem encontrar crescente regeneração e integração à luz do evangelho e na relação com Jesus Cristo se não são seriamente questionadas? Pode se constatar que as pessoas já não são alcançadas, porque não fazem o menor esforço de mantê-las na Igreja. Ptm por esconder os aspectos exigentes do Evangelho, relativizar as reivindicações e apresentar-se o mais "normal" possível. Mas como diria Dietrich Bonhoeffer: *"A graça barata é o inimigo mortal da nossa igreja"*. Também o Cardeal Lehmann advertiu contra um aburguesamento da Igreja, que vai pouco a pouco cercando o seu entorno: *"A Igreja não pode comportar-se como uma empresa que muda a sua oferta quando a procura diminui"*. Se a Igreja não *"sai de si mesma para evangelizar"*, disse o Cardeal Bergoglio antes de sua eleição como Papa, *"só se preocupa consigo mesma e depois fica doente... As doenças que se desenvolveram ao longo do tempo nas instituições eclesíásticas têm suas raízes neste egocentrismo ("auto referencialidade")"*.

3. A unidade com toda a Igreja Universal

Somos parte de uma Igreja "una, santa, católica e apostólica". ""

"Que todos sejam um" (Jo 17,21), é o último desejo de Jesus. *"Hoje já sofremos o suficiente com as divisões do Corpo de Cristo e não queremos outra igreja especial alemã."*

O Caminho Sinodal não foi suficientemente coordenado com as autoridades eclesíásticas universais e com o Papa Francisco. Todas os apelos feitos pelo Papa, como por exemplo a Carta ao povo peregrino de Deus na Alemanha e

as declarações críticas na Audiência Geral de 25.11.2020, foram ignoradas. Eis um trecho da Audiência Geral: *“Às vezes, sinto grande tristeza quando vejo alguma comunidade que, com boa vontade, comete um erro porque pensa em fazer a Igreja com reuniões, como se fosse um partido político: a maioria, a minoria, o que pensa este, ele, o outro... É como um Sínodo, um caminho sinodal que devemos percorrer. Pergunto-me: onde está o Espírito Santo? Onde está a oração? Onde está o amor comunitário? Onde está a Eucaristia? Sem estas quatro coordenadas, a Igreja torna-se uma sociedade humana, um partido político - maioritário, minoritário - as mudanças são feitas como se fosse uma empresa, pela maioria ou minoria... Mas não há Espírito Santo. E a presença do Espírito Santo é garantida precisamente por estas quatro coordenadas. Para avaliar uma situação, se é eclesial ou não, perguntemo-nos se existem estas quatro coordenadas: a vida comunitária, a oração, a Eucaristia... [a pregação], como se desenvolve a vida com estas quatro coordenadas. Se faltar isto, faltar o Espírito, e se faltar o Espírito, seremos uma bonita associação humanitária, de beneficência, muito bem, até um partido, digamos assim, eclesial, mas não há Igreja.”* Foram ignoradas com tanta arrogância como se ignorou também as orientações do Magistério sobre as questões centrais do Caminho Sinodal.

Isto aconteceu com declarações doutrinárias sobre o governo das paróquias ser conduzido por leigos, sobre a possibilidade de ordenar mulheres, sobre o estabelecimento de liturgias de bênção para uniões do mesmo sexo. Temos vergonha de que estes apelos papais tenham sido ignorados, relativizados e até ridicularizados, embora fossem correções necessárias. Para nós, a Igreja Católica é católica enquanto viver a unidade e o diálogo com a Igreja universal. Nós não queremos ser uma "igreja de desobediência e rebelião" e rejeitamos qualquer tentativa de um caminho eclesial especial na Alemanha.

4. O poder

Na Igreja, todo o poder procede do Senhor. O poder na Igreja é sempre apenas um poder emprestado, e só pode existir se for através do humilde serviço para o povo. Seu exercício deve ser legítimo e transparente, pois o uso falso do poder por parte dos pastores, para governar a partir das regras dos escritórios, não é o caminho para a Igreja.

O Caminho Sinodal utilizou os conhecidos abusos sexuais por parte de alguns clérigos e o processamento inadequado de seus crimes para representar um tipo particular de questão de poder. Em vez de se investigar as verdadeiras causas dos abusos, circulou a teoria de que os abusos eram apenas resultado da ignorância clerical, da falta de participação e da falta de democracia; portanto, o poder dos bispos e sacerdotes deve ser quebrado e colocado sob a tutela dos fiéis leigos (funcionários). De fato, reconhecemos que em muitos lugares há um certo abuso de poder na Igreja, e há uma falta de apreço pela participação mais genuína dos fiéis leigos, especialmente as mulheres. Mas não queremos uma igreja de oficiais e funcionárias, inchada em sua estrutura e cheias de fofocas. A Igreja sofre da falta de espírito evangelizador e do excesso de muita institucionalização. Ninguém precisa de uma igreja onde as vocações sejam substituídas por um emprego, a dedicação por contrato e a confiança pelo controle. Queremos uma igreja simples, servicial, orante e fiel no seu seguimento a Cristo. Queremos uma Igreja em que o exercício da autoridade espiritual seja transparente e claramente orientado para permitir o protagonismo de todos os fiéis batizados a fim de torná-los verdadeiros sujeitos na fé. Isto é profundamente essencial.

5. As mulheres

Seguindo o exemplo de Jesus, o carisma das mulheres na Igreja precisa ser reconhecido ainda mais profundamente. Mas é um absurdo a atribuição do ministério sacerdotal aos homens como discriminação às mulheres.

As mulheres não podem ser pessoas de segunda classe na Igreja. É por isso que defendemos que as mulheres em todos os níveis da Igreja tenham os mesmos direitos e deveres que os homens e, possam naturalmente também atuar numa posição de liderança. O Caminho Sinodal defende isso, mas infelizmente também ignora a Carta Apostólica do Papa João Paulo II *Ordinatio sacerdotalis*, (Sobre a ordenação sacerdotal reservada somente aos homens), resultado das antigas reflexões conciliares e apoiada pelos últimos papas, "que diz respeito à constituição divina da própria Igreja", ou seja, que "a Igreja não tem qualquer autoridade para ordenar as mulheres ao sacerdócio, e que todos os fiéis da Igreja devem definitivamente respeitar essa decisão". Esta declaração doutrinária final não é uma discriminação contra as mulheres. De acordo com a Sagrada Escritura, o povo de Deus é a noiva, Cristo, o noivo. Portanto, que o padre que simbolicamente representa

Cristo deve ser um homem é uma interpretação coerente. Rejeitamos as declarações do Caminho Sinodal, como se se tratasse da preservação de um bastião masculino reacionário e como se houvesse algum tipo de direito igual às mulheres para este ministério. Para a Igreja, porém, o grande desafio da verdadeira será reconhecer a vocação específica da mulher na Igreja, aceitar sua força com gratidão e redescobrir a beleza do elemento feminino na Igreja. As mulheres são à sua maneira a imagem de Deus; e seu potencial está longe de estar esgotado.

6. O matrimônio

O sacramento do matrimônio é a aliança de uma mulher e um homem com Deus e o incomparável sinal de salvação pela fidelidade de Deus ao seu povo. Este sinal nunca deve ser colocado na mesma linha das uniões puramente humanas de qualquer tipo.

Mais e mais pessoas vivem em uniões sexuais que fogem da imagem que nos é dada pelas Sagradas Escrituras e pela Igreja. Quer sejam divorciados e casados novamente depois de um casamento fracassado, quer vivam em um "casamento violento", quer tenham entrado em relacionamentos pré-matrimoniais de caráter diferente. Ao tentar ver não só as dificuldades ou a pecaminosidade destas uniões, mas também a necessidade e a busca de pessoas intrinsecamente fiéis (o que é absolutamente necessário!), o Caminho Sinodal cai num campo de apreciação eufemística. Em vez de oferecer itinerários de restauração e instrução para um bom crescimento da vida, trata-se apenas de conformidade com a corrente cultural dominante. Isto não é servir as pessoas vulneráveis e feridas, mas, pelo contrário, negar-lhes a luz redentora do Evangelho e negar-lhes a possibilidade de felicidade humana. Mais concretamente: no conceito de uma "nova moralidade sexual", a "exclusividade do matrimônio" deve ser substituída por sua "validade máxima". Desta forma, porém, o sacramento do matrimônio degenera em um ideal distante da vida, ao qual só uma elite questionável aspira. No entanto, o casamento cristão ainda é o lugar real e legítimo da sexualidade e a forma normativa na qual os filhos experimentam o amor duradouro da mãe e do pai biológicos. É o único lugar onde a sexualidade humana pode alcançar sua integração perfeita. Este véu da "validade máxima", quando retirado, deixa a sexualidade humana lamentavelmente fragmentada. É, portanto, em última análise, desumano.

7. Bênção de uniões do mesmo sexo

A nenhuma pessoa deve ser negada ou retida a bênção de Deus. Mas a Igreja deve evitar de oferecer às uniões do mesmo sexo qualquer aparência de bênção comparável ao sacramento do matrimônio.

Na "Amoris Laetitia", o Papa Francisco mostra grande compreensão pelas pessoas que vivem em "situações irregulares". Com isso, ele quer dizer que de fato há situações que são "objetivamente" pecaminosas, mas subjetivamente apenas sobrecarregam as pessoas em certos aspectos. Assim ele diz: *"Portanto, já não é possível dizer que todos os que estão numa situação chamada «irregular» vivem em estado de pecado mortal, privados da graça santificante. (...) Uma pessoa, mesmo conhecendo bem a norma, pode ter grande dificuldade em compreender os valores inerentes à norma ou pode encontrar-se em condições concretas que não lhe permitem agir de maneira diferente e tomar outras decisões sem uma nova culpa."* (Nº 301) O Caminho Sinodal exagera esta perspectiva da misericórdia e da preocupação pastoral com a salvação de todas as pessoas, não levando mais em conta a quebra da natureza humana (e, portanto, o pecado). Há uma tendência de propagar "um direito de prazer para todos", que esconde a complementaridade dos sexos na ordem de criação de Deus e mina a normatividade do casamento.

8. Leigos e Sacerdotes

O serviço da Igreja ao mundo é comum aos fiéis leigos e aos Sacerdotes, sem distinção nos objetivos e na dignidade. No entanto, leigos devem fazer o que só leigos podem fazer e os padres prestar o serviço para o qual eles foram chamados por Cristo a fazer e habilitados pela Igreja na ordenação sacerdotal.

A falta de vocações para o sacerdócio é uma necessidade real na Igreja e também um desafio para os leigos, que por vezes devem assumir todas as tarefas para as quais a vocação sacerdotal não é imprescindivelmente necessária. O Concílio fala de "verdadeira igualdade na dignidade e atuação comum a todos os fiéis na edificação do Corpo de Cristo", mas ao mesmo tempo nos recorda que, *"por vontade de Cristo, alguns são constituídos doutores, dispensadores dos mistérios e pastores em favor dos demais. (...) A*

distinção que o Senhor estabeleceu entre os ministros sagrados e o restante Povo de Deus, contribui para a união, já que os pastores e os demais fiéis estão ligados uns aos outros por uma vinculação comum: os pastores da Igreja, imitando o exemplo do Senhor, prestem serviço uns aos outros e aos fiéis: e estes dêem alegremente a sua colaboração aos pastores e doutores.” (Lumen Gentium, 32). Com a imposição das mãos na ordenação, o sacerdote recebe a autoridade apostólica para agir *"in persona Christi"* como chefe e pastor. Ele é o proclamador da Palavra de Deus, chamado por Deus e nomeado pela Igreja, o dispensador dos sacramentos e, no lugar do Senhor, o "pastor e bispo de nossas almas" (1 Pd 2, 25). O Caminho Sinodal obscurece essa vocação específica do sacerdote, marginalizando teologicamente e estrategicamente o padre e sistematicamente tentando colocar leigos teologicamente qualificados sem ordenação em posições de substituição sacerdotal. Consideramos isso um lobby transparente e nos opomos tanto à secularização do sacerdote quanto à clericalização dos leigos.

9. O abuso

O abuso sexual é a pedra do moinho ao redor do pescoço da igreja. Os ministros sagrados na Igreja devem avaliados e formados com transparência, considerando-se todos os delitos passados e a prevenção para o futuro. No entanto, nos opomos ao abuso com o abuso.

Nada atrai a Igreja mais para baixo do que o abuso sexual por parte de alguns clérigos e seu encobrimento por aqueles que ocupam posições de responsabilidade sobre eles. Alguns obstruíram o esclarecimento dos abusos porque não queriam prejudicar a reputação da Igreja. Ao fazê-lo, no entanto, eles encorajaram uma maior disseminação de comportamentos abusivos. O Caminho Sinodal foi anunciado como uma medida central para lidar com os abusos. Contudo, na verdade, em muitos casos, o abuso foi cometido com o abuso. O abuso sexual foi usado para impor metas e posições não relacionadas à Igreja e para desacreditar bispos desagradáveis em toda a linha. Até o momento, o fato de que 80% dos abusos eram de natureza do mesmo sexo não foi levado em conta. Em geral, neste ponto, a negação dos fatos é uma característica das discussões sobre o caminho sinodal. Por exemplo, não se leva em conta que outros tipos de igrejas (incluindo teologicamente liberais e sem estrutura hierárquica) são afetadas em uma medida semelhante por abusos, e nem se leva em conta a verdadeira tipologia

dos perpetradores. A investigação do abuso tornou-se uma guerra por procuração, quando na realidade tudo não passava de reivindicações de uma agenda liberal da Igreja. Em última análise, isto mostra novamente que a Igreja girando em torno de si mesma, está mais preocupada com sua imagem do que com as vítimas. Este é o verdadeiro pano de fundo sistémico do encobrimento! O Caminho Sinodal e suas propostas não romperam isso, mas ao contrário, o reforçaram. As lógicas da autopreservação eclesiástica, que ainda são eficazes aqui, não levam à verdadeira reforma, mas, em última instância, ao ateísmo eclesial – a agir como se Deus não existisse. Neste caso, só a renovação a partir das profundezas do Evangelho pode nos ajudar contra isto. "*Fazei tudo o que Ele vos disser!*" (Jo 2,5).